

A BENZEDEIRA DE PATROCÍNIO PAULISTA

Patrocínio Paulista é uma simpática cidade próxima a Franca, distante apenas 19 km, com uma população de 14 mil habitantes, muita gente de lá trabalha aqui e vice-versa, a rodovia que as liga é bem movimentada. O time da cidade tem o poético nome de “Meia Noite”, mas costuma jogar de dia mesmo. Pois bem. Aqui na Franca, uma constante e irritante dor no cotovelo diagnosticado como uma lesão decorrente de um tombo na infância, ocorrido quando subia e descia pelas ladeiras íngremes do “buracão do Pestalozzi” levou o pequenino Xil ao médico do plano de saúde para autorizar a cirurgia que iria eliminar de vez o uso de drágeas para reduzir a dor constante. Na asséptica e branca sala de espera do consultório, sem nenhuma cor ou obras de arte nas paredes, só ficou olhando as pessoas, todas mergulhadas em seu próprio mundo com olhos fixados na telinha do celular. Quase todas tinham que ser chamadas duas ou três vezes pela atendente que controlava a fila, até a pessoinha despertar do torpor que a tela colorida com seus algoritmos proporciona.

Quando finalmente chegou sua vez, ao entrar na sala confirmou que não conhecia aquele médico, nunca o tinha visto ou ouvido falar dele apesar de já ser um senhor com cabelos brancos e olhar cansado. E olhe que morava na cidade desde o século passado, conhecia a maioria dos médicos que atuavam no hospital que monopolizava os serviços de saúde da cidade.

Sem levantar os olhos, o médico o mandou sentar numa cadeira defronte sua mesa enquanto olhava com atenção a tela do notebook. Então o senhor vai se operar de uma verdadeira “dor de cotovelo”? Xil não gostou muito da piadinha, mas o doutor nem olhou para ele, foi logo “puxando sua capivara” no computador. Segundo alguns estudiosos da língua portuguesa, a expressão é recente e vem da caça à capivara em banhados e charcos durante a noite, onde só se via os olhos da caça refletindo as luzes das lanternas. Então se disparava e depois se aproximava do alvo para tirá-lo da água. Era necessário, portanto, puxar o roedor para dentro do barco, e somente então se saberia o tamanho da caça abatida. Assim “puxar a capivara” seria descobrir o tamanho da ficha criminal do investigado.

O doutor perguntou da tal dor no cotovelo. Depois comentou que o prontuário mostrava que Xil tinha tido um problema nos olhos, “fez uma cirurgia anos atrás? E essa outra cirurgia, o que foi? Esses exames de PSA, tem algum problema? O eletrocardiograma, tem problema de ritmo alto também? A diabetes tá controlada?” O médico só ia perguntando e anotando diretamente no notebook as respostas monossilábicas do Xil, já meio aperreado com a quantidade de perguntas. Até que o médico olha diz: “olha, vendo tudo isto aqui, ao invés da cirurgia vou recomendar outra coisa, tenho o telefone de uma benzeadeira em Patrocínio Paulista que é um espetáculo, é tiro e queda”.

No primeiro momento, Xil ficou estupefato, depois percebeu que não era a sério e caiu na gargalhada, assim como o médico que fez a brincadeira com o paciente. É raro, mas acontece.

Mauro Ferreira é arquiteto